



## DESFAZENDO DÚVIDAS

Quando Antônio Sales se transferiu para o Rio de Janeiro em dezembro de 1896 imediatamente procurou José Veríssimo com quem já mantinha relações epistolares desde o tempo da Padaria Espiritual.

José Veríssimo era o crítico literário antipático e severo, o espantalho dos estreantes. Seu aspecto físico não o favorecia muito e uma voz estridente e esganiçada dava o tom dissonante ao conjunto. Daí seu apelido: Tucano Empalhado.

Aníbal Teófilo, parente de Antônio Sales, numa quintilha irreverente pintou com maestria a parte física do autor paraense:

*“Deus quando fez esta esfinge,  
procedeu com tal desleixo,  
que lhe pôs, por miolo, um seixo  
e uma gaita por laringe.  
NB. Faltou barro para o queixo”.*

O próprio autor de Minha Terra, em suas reminiscências publicadas no Correio do Ceará, em novembro de 1920, pintava assim o retrato do amigo: *“Muito feio, alto, magro, curvado, de cor trigueira, de pele acidentada, com barbinha que disfarçava a falta do queixo, tudo isso agravado por uma voz roufenha, que Taunay classificava de voz de coruja constipada”.*

Mas uma qualidade essa ninguém lhe negava: a honestidade com que julgava as obras, o escrúpulo com que separava o joio do trigo. Foi severo com os Pensées Détachées et Souvenirs de Joaquim Nabuco, impiedoso com o Asunção do alagoano Goulart de Andrade, severo com a A Visão da Estrada de Miguel Melo,<sup>1</sup> severo com o Rei Negro de Coelho Neto, severo com Sílvio Romero. Daí o apelido irônico Severíssimo ou Zé Veríssimo com que seus inimigos ou indiferentes o alfinetavam. Tanto que em 1909 o crítico sergipano lançava as Zeverissimações Ineptas da Crítica.

Foram Antônio Sales e o escritor obidense grandes amigos: *“De todos os homens de letras que conheci na roda ilustre da Revista Brasileira, escreve*

o nosso poeta, *Veríssimo era um dos raros a quem eu podia dar confiante o nome de amigo*".

A Revista Brasileira, fundada em 1895, passou a receber a valiosa colaboração de Antônio Sales, mal chegado ao Rio. Ele mesmo lembrou a sala modesta da Travessa do Ouvidor, rememorou a acolhida carinhosa com que ali foi recebido pelos medalhões Machado, Nabuco, Taunay, João Ribeiro, Lúcio, Jaceguai, Araripe e outros. Os artigos Os Nossos Acadêmicos publicados nos meses de abril, maio e junho de 1897, a convite de José Veríssimo, em que Antônio Sales fez o estudo biográfico e literário dos quarenta primeiros membros da Academia Brasileira de Letras, consolidou-lhe a fama com que vinha precedido do seu Ceará.

Por aquela época, como a Casa Garnier necessitasse de uma tradução de *I Promessi Sposi*, propôs ela ao autor de Estudos da Literatura Brasileira a realização dessa tarefa. A resposta, uma negativa já que Veríssimo, além de lecionar na Escola Normal e de dirigir o Ginásio Nacional e a Revista Brasileira, ainda colaborava em jornais cariocas, paulistas e paraenses. Faltava-lhe tempo. Mas logo se lembrou dos apertos financeiros de Antônio Sales e convidou-o a tomar o seu lugar na tradução do romance de Manzoni.

O poeta cearense arregaçou as mangas aproveitando-se inicialmente, na falta momentânea do original italiano, de alguns capítulos lançados em espanhol, da referida obra, no jornal portenho Nación.

O gerente da Garnier, Julien Lansac, no Rio desde 1899, de tudo estava a par e pelo penoso esforço que consumiu quase quatro meses de cansaço e dedicação, mais de mil folhas de papel ditadas a sua Alice, o nosso Antônio Sales recebia a importância de quinhentos mil réis. . .

Publicada a tradução em dois volumes, realmente o nome de José Veríssimo nela não apareceu. Nem o de Antônio Sales. Lansac aqui ficou conosco durante quatorze anos e em fevereiro de 1913 embarcava com destino a sua terra natal. Todavia no catálogo da referida casa editora parisiense, o nome do acadêmico lá figura.

Daí a confusão criada em torno do verdadeiro autor da tradução de *I Promessi Sposi*. Vale transcrever as palavras esclarecedoras do nosso Antônio Sales e publicadas no Correio do Ceará de 9 de maio de 1924: *"Como quer que seja, a tradução é minha, e se faço esta declaração para desfazer o engano do catálogo, não é para reivindicar uma glória, que não resulta do meu trabalho, mas simplesmente porque esta é a verdade. Demais, não convém que a reputação do grande escritor fique com a responsabilidade das falhas dessa tradução, feita por mim às pressas e com o único fim de ganhar o pão nosso de cada dia"*.

De maneira inteligente e diplomática, Antônio Sales desfez um possível mal-entendido. E mais uma vez se defendia contra o que sempre lhe parecera um contra-senso: a literatura apressada, inimiga da perfeição, mas a tanto obrigado muitas vezes a praticá-la em troca de algum vale para sua sobrevivência. . .

## NÓTULAS

- <sup>1</sup> Ler "José Veríssimo", capítulo 26<sup>o</sup> de *Carvalhos e Roseiras*, de Humberto de Campos.

PALETÓ-SACO

Por Decreto de 1843 foi autorizado ao Governo Imperial a criação nas dependências do Corte de um asilo de inválidos. Mas, tudo ainda por fazer, chegou 1858 e Brasil envolvido com a Guerra do Paraguai, não tinha como proteger aos filhos dos numerosos mutilados do campo de batalha.

Por Decreto de 22 de julho de 1868, coincidindo com as festividades comemorativas do vigésimo segundo aniversário histórico da Princesa Isabel, inauguramos o Asilo de Inválidos da Pátria. As festas, solenes, compareceu o nosso Imperador com a figura maior. O nosso Dom Luís Antônio dos Santos, sagrado príncipe Bispo de Ceará em 1864, por quem o nosso Antônio Salles teve a primeira administração, tanto que lhe dedicou um versado quando de sua Saída para o Brasil em 1893 e nome fora transcrito, antes o Te Deum.

O Asilo, hoje extinto, está ainda por merecer a curiosidade e o interesse de algum historiador militar para que se lhe levante toda uma rica contenda. Para sua administração foi dirigido sobre 11 de abril de 1868 a 22 de fevereiro de 1893 pelo Coronel Reformado Vitorino dos Santos Silva. Vitorino, com breve corte de guarnição brasileira responsável pela ocupação de fortaleza de Ananás, conta-se lá, mesmo com uma fortíssima senhora portuguesa de nome Julia, casado-lhe, na própria fortaleza, seu filho Anibal Teófilo de Lacerda e Silva de Figueiredo de Giron y Torres y Espinosa, naturalmente o nome sobra Anibal Teófilo.

Quando no Brasil, Vitorino reformado de posto de Coronel, foi recebido em sua terra natal a Bahia. Anibal viveu por lá até ingressar na nossa Escola Militar do Ceará; aqui se casou com uma moça baiana, filha de Antônio Salles do Exército e retornou para a companhia de seus pais.

Com o casamento Anibal definitivamente para o Rio quando de nomeação de seu pai para Chefe do Asilo, localizado na formosa e agradável antiga ilha de São João.

Quando cinco anos Antônio Salles e sua esposa Alice passaram dois dias de férias em companhia do amigo Anibal, que os vinha receber na Ponta do Capão. Um velho, parado por duas remadeiras, trazia o casal para a uma pequena lancha de vela de Granadina. Chegou pelas seis primeiras horas